



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A DESCONSTRUÇÃO DO PERFIL ROMÂNTICO FEMININO EM
“LUCÍOLA” DE JOSÉ DE ALENCAR**

LUANA LARISSA VIEIRA

CATOLÉ DO ROCHA- PB
2012

LUANA LARISSA VIEIRA

**A DESCONSTRUÇÃO DO PERFIL ROMÂNTICO FEMININO EM
“LUCÍOLA” DE JOSÉ DE ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

Catolé do Rocha – PB
2012

V657d Vieira, Luana Larissa

A desconstrução do perfil romântico feminino em
“Lucíola” de José de Alencar/ Luana Larissa Vieira. –
Catolé do Rocha, PB, 2012.
24 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade
Estadual da Paraíba, 2012.

Orientação: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes,
Departamento de Letras e Humanidades.

1. Lucíola. Mulher. Sociedade. I. Título.

21. ed. CDD 305.42

**A DESCONSTRUÇÃO DO PERFIL ROMÂNTICO FEMININO EM
“LUCÍOLA” DE JOSÉ DE ALENCAR**

BANCA EXAMINADORA

Marta B. Nunes

Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora

José Marcos Rosendo de Souza

Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB/CAMPUS IV
Examinador

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. Esp. Doralice de Freitas Fernandes – SEC/PB
Examinadora

APROVADO EM: 26 de Novembro de 2012.

Dedico este trabalho a vocês que sempre me fizeram acreditar na realização dos meus sonhos e trabalharam muito para que eu pudesse realizá-los, meus pais, Dasneves e Lailton. Minhas irmãs, Luella e Lara, que sempre me apoiaram diante das dificuldades. A você Italo, companheiro no amor, na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e compartilhou comigo as alegrias. E você, meu filho, Luan Henrique, motivo pelo qual nunca desisti diante dos obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Registro meus agradecimentos a todos os que compartilharam o trilhar de mais esse caminho percorrido, contribuindo, direta e indiretamente, auxiliando-me e dando-me forças nos momentos em que mais precisei.

Minha gratidão, em primeiro lugar, a Deus, por estar comigo em todos os momentos e iluminando-me, sendo meu refúgio e fortaleza nos momentos mais difíceis. A ele, minha eterna gratidão.

Agradeço, especialmente, à minha família, pelo apoio para que eu concretizasse essa conquista: minha mãe e meu pai, que foram incansáveis; e, em especial, meu esposo, Italo, que esteve sempre ao meu lado, entendendo-me nos momentos de ausência, dando-me apoio e carinho.

À professora mestra Marta Lúcia Nunes, minha “orientadora”, que me possibilitou “aprendizagens únicas”, por meio do grande incentivo e orientação que me foram concedidos durante essa jornada.

Aos colegas e professores da graduação, por tudo o que com eles aprendi e por partilharem a construção desse sonho. Em especial, às amigas Damiana, Ana Maria e Rafaela: valeram os momentos de conversas, discussões e distrações.

À Universidade Estadual da Paraíba, que me proporcionou a grande oportunidade de me tornar uma pessoa ainda mais capacitada para atuar na sociedade e a todos os que fazem parte desta instituição.

A todos, muito obrigada.

“... amo-te em cada momento por uma existência inteira. Amo-te ao mesmo tempo com todas as afeições que se pode ter neste mundo. Vou te amar enfim por toda a eternidade” José de Alencar – Lucíola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SÉCULO XIX: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL	11
1.1 As transformações sociais	11
1.2 A figura feminina no Século XIX	12
2 ANÁLISE DO ROMANCE “LUCÍOLA”	15
2.1 Aspectos relevantes da obra alencariana	15
2.2 Uma leitura do perfil feminino em “Lucíola”	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

RESUMO

O século XIX, cenário de grandes e intensas transformações, serviu de palco para a criação de uma das mais importantes e conceituadas obras do romance brasileiro: *Lucíola*, do autor José de Alencar. É nesse contexto histórico onde observamos que a mulher vivia em situação de submissão, em todos os âmbitos da sociedade, diante da figura masculina. A obra alencariana aborda, com ênfase, a situação em que a figura da mulher se encontrava e trabalha, também, um dos assuntos mais polêmicos e até proibidos da época: a prostituição. Na obra, o autor José de Alencar retrata a vida da cortesã Lúcia, todas as dores e angústias sofridas pela personagem e os preconceitos sociais enfrentados por ela. Embora tivesse uma vida onde o pecado se tornara motivo de sua exclusão social, Lúcia ainda possuía um coração puro, e reservado para um grande e verdadeiro amor. E esse espaço em seu coração é preenchido quando ela conhece Paulo, quem considera o homem da sua vida. Após uma vida baseada em desvios éticos e rompimentos da integridade social, a personagem encontrara na morte sua modificação carnal e a purificação de espírito através de um amor idealizado, típico dos romances brasileiros. Portanto, iremos analisar, através do desenrolar do enredo, como se dá a descaracterização da figura feminina nesse conceituado romance brasileiro do século XIX. Para tanto, esse trabalho se fundamenta em estudos teóricos de D'Incao (1997), Lukács (2000), Bosi (2006), Cândido (1981), entre outros.

Palavras-chave: *Lucíola*. Mulher. Sociedade.

ABSTRACT

The nineteenth century , great scenery and intense transformations , served as the stage for the creation of one of the most important and prestigious works of the Brazilian novel : *Luciola* , author José de Alencar . It is in this historical context where we observe that the woman lived in a state of submission, in all spheres of society , on the male figure . The work addresses Alencar , emphasizing the situation in which the figure of the woman was at work and also one of the most controversial issues of the time and even banned : prostitution . In the work , the author José de Alencar portrays the life of the courtesan Lucia , all the pain and anguish suffered by the character and social prejudices faced by her . Although he had a life where sin has become a source of social exclusion , Lucy still had a pure heart , and booked into a great and true love. And that space in your heart is filled when she meets Paul , who believes the man in your life . After a life based on ethical misconduct and breaches of social integrity , the character found in death his carnal modification and purification of mind through an idealized love , typical of Brazilian novels . Therefore , we will examine , through the unfolding of the plot , as it gives the characterization of the female figure in this prestigious Brazilian novel of the nineteenth century . Therefore , this work is based on theoretical studies of D' Incao (1997) , Lukacs (2000) , Bosi (2006) , Candide (1981) , among others .

Keywords: *Luciola*. Woman. Society.

INTRODUÇÃO

A prostituição, como se sabe, é e sempre foi um assunto quase impossível de se discutir na sociedade da qual fazemos parte. Se o tema, nos dias de hoje, causa fortes impactos e é alvo de críticas por parte dos conservadores assíduos, pode-se até ter uma noção de como era tratado anos atrás, mais precisamente no século XIX.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo levantar considerações acerca da personagem Lúcia, protagonista da obra *Lucíola*, do autor cearense José de Alencar.

No século XIX, a conservação da castidade das mulheres era um fator obrigatório para a sua dignidade, caso contrário, elas seriam alvo de fortes críticas e punidas por qualquer ato que fosse considerado contra as regras éticas impostas pela sociedade.

Tendo em vista tais considerações, torna-se previsível o que sofreu a personagem Lúcia, de José de Alencar. Cortesã, mulher bem resolvida, livre de qualquer que fosse a regra estabelecida pela sociedade, Lúcia foi alvo de fortes críticas lançadas pela população preconceituosa da qual fazia parte, e, assim, era encontrada à margem por conta de tais preconceitos.

Embora cortesã e considerada pecadora, Lúcia possuía um coração puro, livre de qualquer julgamento. Entretanto, foi condenada como pecadora, seu fim foi trágico: a morte, a qual funcionaria como “punição” por sua vida pecadora.

Mas a morte de Lúcia aconteceu apenas de forma carnal, o seu espírito continuou puro e consagrado na memória de quem a amou verdadeiramente, livre de julgamentos.

1 SÉCULO XIX: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

1.1 As transformações sociais

No panorama mundial, o século XIX foi o cenário de grandes e significativas transformações, o que, conseqüentemente, provocou mudanças no que diz respeito à sociedade brasileira e que atingiram os vários níveis de relações sociais, pois foi nessa época que o país começou a se transformar em uma nação moderna.

Foram mudanças impactantes estimuladas, principalmente, por um novo dinamismo no contexto da economia internacional, as quais alteram a ordem e as hierarquias sociais, as noções de espaço e tempo dos indivíduos e os modos de percepção do cotidiano. (SEVCENKO, 1998, p. 7)

No início do século, houve uma aceleração no ritmo da vida urbana e a sociedade brasileira passou a incorporar as características do estilo da aristocracia europeia, especialmente a portuguesa, que era essencialmente urbanizada. Essas características não diziam respeito apenas à vida urbana, mas a todos os aspectos que regiam a nossa sociedade.

Dentre as mudanças mais marcantes que ocorreram merecem destaque: a consolidação e o avanço do capitalismo; o grande afluxo da população para os centros urbanos; a significativa ascensão da burguesia; e, conseqüentemente, a mudança na forma de a população ver e entender a nova realidade que estavam vivenciando, visto que a sociedade estava sendo inserida em um impactante processo de transformações em seus costumes e maneiras de pensar. Além disso, houve a concretização das relações sociais burguesas, que assumiam o lugar daquelas relações sociais senhoriais, e, nesse ritmo de modernização, percebia-se o aumento da extinção das relações de solidariedade entre a população.

Foi nesse processo, em espaços onde existia “[...] uma cultura de consumo e de identificação ao outro” (RIBEIRO, 1996, p.55), que as mudanças no modo de vida da sociedade brasileira propagaram-se inclusive no Rio de Janeiro, que se tornou um dos lugares mais retratados nas obras literárias da época e essa alteração na

vida da população fez vir à tona a realidade da vida de um de seus mais importantes membros: a mulher.

A sociedade brasileira passou a conviver com uma imensa diversidade de modelos sociais durante o século XIX, marcado por muitas transformações; e por isso essa mesma sociedade teve que se adaptar ao progresso e às grandes inovações as quais era submetida, sendo obrigada a se transformar a cada novo conflito que se apresentava.

De acordo com Soihet (2006) as novas mudanças foram realizadas para que homens e mulheres dos segmentos sociais populares adequassem-se ao estado de coisas, buscando fazer-lhes compreender valores e formas de comportamento que passavam pela rígida forma de disciplinarem-se no espaço, no tempo do trabalho e em todas as esferas da vida social.

O modelo de família patriarcal camuflava-se com uma falsa harmonia, tentando perpetuar a crença de que o lar era o único refúgio de paz, quando, na verdade, o que acontecia era totalmente o oposto, pois o processo de evolução da família brasileira impunha uma resistência à adaptação e inclusão de novas concepções e paradigmas, principalmente ao que se refere à emancipação feminina em diversos setores sociais.

1.2 A figura feminina no Século XIX

É diante desse cenário de intensas transformações que situamos o papel da figura feminina, figura essa marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal, que impunha o silenciamento da mulher em todas as esferas sociais, associada ao estigma de uma intensa fragilidade que a colocava em uma situação de total dependência em relação à figura masculina, representada pelo pai, irmão ou marido, dando origem aos moldes de uma cultura patriarcal e machista. Tendo em vista essa situação de submissão diante da figura masculina, eram inexistentes os direitos da mulher quando comparados aos dos homens.

Ainda criança, ela era ensinada apenas a atuar no papel de mãe e esposa, com atividades como cozinhar, bordar, costurar e outras tarefas que remetiam ao trabalho estritamente doméstico; e isso as manteria afastadas dos espaços públicos, visto que se tornariam sem valor para o mercado de trabalho vigente da época.

Para muitos grupos que compunham a sociedade do século XIX, as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas; segundo eles, não havia a necessidade de a mulher ter acesso a conhecimentos além daqueles que serviam para consolidar a sua moral e os bons princípios, não eram considerados seus desejos ou necessidades, mas sim sua função social, vista como o pilar de sustentação do lar.

Por meio da educação do lar e para o lar, as mulheres eram tratadas como mercadorias de troca ou venda, através do casamento entre famílias ricas e burguesas; e esse processo funcionava como meio de ascensão social, cuja imagem passava a garantir o sucesso de sua família diante da sociedade, como esclarece D’Incao (1997, p. 229): “[...] significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. [...] das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social.”

O homem e a sociedade da época como um todo buscaram fazer da mulher um ser domesticado, que sob muitas óticas não sabia pensar, refletir, ter consciência de seus direitos e deveres, não a educaram para atuar na sociedade como membro da mesma, convertendo-a num ser humano sem competências para atuar na sociedade.

Mas além das diferenças existentes entre homens e mulheres, existiam ainda as divergências no modo de tratamento da sociedade para com as próprias mulheres, para aquelas que eram pobres, de classe social desfavorecida, a situação era ainda pior. Para a sociedade,

[...] elas eram portadoras de vícios da pobreza, da escravidão, tinham tendências a ociosidade, não valorizavam os laços familiares, o casamento e a honra [...]. Os olhares que vinham de cima impunham para as meninas pobres a existência de outras versões de moralidade [...]. O casamento para elas não tinham o mesmo sentido imaginado e desejado por moças que pertenciam a outros segmentos sociais e diferentes mundos culturais, não era o único local para as relações sexuais e afetivas, não tinham apenas um fim procriativo, a virgindade e a honra para as meninas pobres não eram tão imprescindíveis, poderiam encontrar outros parceiros e estabelecer firmes relações de amasiamento, essa diferenciação de postura, estava relacionada com uma organização familiar muito comum no Brasil de tantas diferenças. (CORREIA, 2011)

No que se refere à figura da prostituta era bastante polêmica no Século XIX, isso porque representava uma afronta à família enquanto instituição, uma quebra dos valores apregoados pela sociedade.

Nesta perspectiva, elas eram totalmente discriminadas em seu meio social, mesmo que seus julgadores não conhecessem os reais motivos que as levaram para a prostituição. Na maioria das vezes, as mulheres tornavam-se prostitutas porque viam nesse trabalho a única opção para um sustento digno, diante de tantas divergências entre elas e os homens.

A prostituição funcionava como uma espécie de refúgio para as jovens que se viam diante de necessidades financeiras. E diante deste contexto é que a mulher construía a sua identidade, em contraste com a mulher perdida.

Elas ocupam, desde sempre, um lugar à margem da sociedade. Comumente, vivem na obscuridade dos espaços proibidos; seu momento é à noite, quando a penumbra pode esconder os rostos nos quais apenas maldição a sociedade enxerga. Sua vida é uma caminhada através do pecado. Tornam-se, desta forma, "coisas" – objetos a serem utilizados e depois descartados. (SAMYN, 2006)

Mas, embora vivessem sempre estigmatizadas pela sociedade, é conveniente lembrar que algumas prostitutas tinham “vantagens”: vivendo como cortesãs, desfrutavam algumas regalias que muitas outras mulheres não podiam desfrutar, como usar muitas joias e vestidos luxuosos e frequentar lugares que nenhuma outra poderia.

Podemos perceber em um mundo feminino dividido entre dois polos distintos: de um lado, um positivo: onde estavam as recatadas donas de casa, esposas honradas e esforçadas; de outro, o lado negativo: as prostitutas, seres estigmatizados e vítima de discriminação.

2 ANÁLISE DO ROMANCE “LUCÍOLA”

2.1 Aspectos relevantes da obra alencariana

Em se tratando de José de Alencar, é preciso considerar que, para compreender a obra desse romancista, é necessária a consciência de que estamos diante de um quadro que retrata a sociedade brasileira do século XIX, e que sua obra é um retrato fiel da política e da sociedade desse período.

A obra alencariana, de forma romanceada, aborda a situação da cultura brasileira da época, fugindo do estilo da literatura que naquele período marcava a escrita de outros romancistas. Alencar conseguiu focalizar em suas obras os temas mais importantes para literatura daquela época, como a representação da sociedade brasileira do Rio de Janeiro ou da figura indígena; buscando sempre primar por assuntos de cunho nacional para evidenciar uma maneira de sentir e pensar tipicamente brasileiras, e o fazia como nenhum outro, conforme podemos perceber nas palavras de Assis (1962, p. 625) *apud* Ribeiro (1996, p. 75), que é quem primeiro descortina o caráter nacional de sua obra:

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas.

O autor exerce uma grande importância no campo das letras brasileiras, pela consciência técnica com que escreveu, mas, principalmente, pelas sugestões e soluções que ofereceu, o que só veio facilitar a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e a consolidação do nosso romance, sendo assim chamado de “O patriarca da literatura brasileira”, cujo estilo contribuiu muito, servindo como espelho ou modelo para futuros escritores.

Toda a sua produção romanesca pode ser entendida a partir de quatro modalidades distintas: romances urbanos, indianistas, regionalistas e históricos. Os romances urbanos retratam a alta sociedade carioca, com tudo o que era idealizado

na época em relação ao sentimento amoroso, sendo perceptível em sua obra a análise psicológica das personagens femininas, através da descrição de seus conflitos interiores.

Nas obras indianistas, o autor demonstra romanescamente a sua paixão pelo exotismo, representado pela figura do índio, com todos os seus costumes, crenças e relações sociais estabelecidas com o homem branco. Sua obra regionalista denota o seu interesse pelas regiões mais afastadas da corte e relata os hábitos de vida do homem do campo, com ênfase na beleza natural dessas regiões. Já nos romances históricos, o autor busca retratar alguns aspectos históricos brasileiros, os períodos pelos quais a nação passou, principalmente aqueles que se referem à colonização, a presença de um forte nacionalismo e a busca pela construção da pátria.

Alencar criou, ainda, os chamados “Três Perfis de Mulher” através dos romances *Lucíola*, *Diva* e *Senhora*, os quais são classificados como romances urbanos, pois os mesmos são caracterizados pela representação (e o questionamento) da sociedade brasileira na Corte, ou seja, a cidade do Rio de Janeiro. Tais obras ora se assemelham, ora se divergem, isso pelo fato das atitudes, comportamento e visão a cerca do amor que cada personagem central possui. Mas, todas aproximam-se por sua característica principal: o amor como redenção.

De acordo com Candido (1981, p. 225), os referidos romances fazem parte do “Alencar dos adultos, caracterizados por uma forte análise da sociedade”. Neste trabalho, fizemos um levantamento dos aspectos caracterizadores desses romances urbanos, que serviram de cenário para a construção dos perfis de mulher.

O que Alencar retrata nesses romances é o cenário da vida burguesa carioca (costumes, moda, estilo de vida) mesclado com a temática dos enredos, que é o amor e o casamento. É também nesses escritos que o autor, como analista dos aspectos psicológicos femininos, retrata as mudanças pelas quais as mulheres passariam nos anos seguintes. Mas o romancista retrata algo além de toda essa perfeição: lança uma crítica a sociedade, que funciona como denúncia da ambição, a hipocrisia e a marcante desigualdade social, sofrida, principalmente pelas mulheres, buscando tornar sólidos os valores sociais que ainda estavam por surgir; delineando essa figura feminina sob diferentes enfoques e com considerável maturidade intelectual em relação a visão da mulher.

É justamente nessas obras que o autor mostra o premente desejo, por parte de alguns segmentos por uma sociedade onde as mulheres estivessem livres de

preconceito, diferente da qual ele estava inserido, que seguia parâmetros baseados nos valores morais rígidos da época. Mas a maior parte dessa sociedade de valores morais tão rígidos, onde o que imperava era a voz e as decisões masculinas, nunca aceitou a realidade que as obras alencarianas traziam à tona.

Seus “Três Perfis de Mulher” nos possibilitam pensar o conceito de verossimilhança, pois o autor busca convencer o leitor de que não se trata de uma simples narrativa de ficção, mas de relatos reais da sociedade, contribuindo para a visão da mulher como ser real e não idealizado. E não como afirma Gancho (2006, p. 12), que explicita o verdadeiro conceito de verossimilhança:

[...] os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros (no sentido de corresponderem exatamente aos fatos ocorridos no universo exterior ao texto), mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê.

Além disso, é preciso considerar que a idealização da mulher era característica básica do Romantismo, apresentando, dessa forma, a figura feminina como ser intocável, inacessível e inigualável, desprovida de sentimentos ou pensamentos. As mulheres que são retratadas nos romances urbanos de Alencar são assim caracterizadas pela sociedade, mas possuem um estado psicológico diferenciado das demais existentes no século XIX, são mulheres mais realizadas, donas de si, que não constituem meros tipos sociais sem nenhum aspecto de diferenciação, elas foram inovadoras, buscando sempre conquistar seu espaço com atitudes inesperadas, o que nos permite dizer que se distanciavam da idealização preconizada que existia em outras obras do Romantismo.

A crítica lançada por esses romances ao mundo burguês baseia-se em uma questão fundamental e primordial nesse contexto: o dinheiro, o qual provoca desequilíbrios que complicam a vida afetiva dos personagens que vivem em uma sociedade individualista e materialista, como afirma Bosi (2006, p. 137):

É sempre com menoscabo e surda irritação que olha o presente, o progresso, “a vida em sociedade”; e quando se detém no juízo da

civilização, é para deplorar a pouquidade das relações cortesãs sujeitas aos Moloc do dinheiro.

E isso porque o dinheiro destrói os sentimentos humanos, aparecendo nas obras através de controvérsias e conflitos, e conduz o enredo para dois desfechos distintos: a desilusão ou a concretização dos desejos românticos.

[...] Alencar crê nas ‘razões do coração’, e, se as sombras do seu moralismo romântico se alongam sobre as mazelas de um mundo antinatural, [...] sempre se salva, no foro íntimo, a dignidade última dos protagonistas, e se redimem as transações vis repondo de pé herói e heroína. (BOSI, 2006, p. 139)

É dessa forma que José de Alencar torna-se o maior romancista da história do Brasil, através de suas obras marcadas por intrigas de amor, críticas às desigualdades econômicas e a superação dos obstáculos com a vitória do amor, que tudo redime.

2.2 Uma leitura do perfil feminino em “Lucíola”

Cronologicamente, “Lucíola” é o quarto romance alencariano e talvez o que mais provocou repercussão. Isso porque

[...] tem características tais que difere, radicalmente, de seus antecessores: a começar pelo tema – a vida de uma cortesã –, no mínimo pesado, para as expectativas da época, povoada de sinhazinhas e moças puras, aspirando a um casamento e namorando sem pensar em contacto corporal algum [...]. (RIBEIRO, 1996, p. 83)

Por fazer parte de uma sociedade com dogmas tão rígidos, Alencar já previa fortes críticas em relação ao tema abordado no romance “Lucíola”; desta sorte, “a primeira providência que toma é não assinar o livro: ele aparece tendo como autor

G.M.” (RIBEIRO, 1996, p. 83). Mas apesar de ser alvo de fortes críticas, a obra foi um sucesso de venda, mesmo que tenha sido assinada por um anônimo.

[...] *Lucíola*, obra anônima, ganha o favor e o carinho do público leitor, por conta própria e sem apoiar-se em um nome amplamente consagrado. O fato de a primeira edição, de mil exemplares, ter sido vendida em um ano, como ele mesmo nos informa, é um sintoma de enorme popularidade. (RIBEIRO, op. Cit., p. 85)

Considerando a grande repercussão em torno do romance, podemos chegar à conclusão de que com a escrita de José de Alencar vem à tona a necessidade de atualização e superação do provincianismo, sendo que, por outro lado, o país necessitava ser redescoberto com um olhar mais atento às diferenças. E “*Lucíola*” vem discutir a questão de uma sociedade que transforma o amor e as relações humanas em mercadoria, através da representação do romance, da prostituição e da degradação que o dinheiro provoca na vida do indivíduo, pois, nesse romance, Alencar focaliza dois universos totalmente diferentes: a mulher romântica, feminina; e outra com a capacidade de quebrar os tabus e romper padrões morais e, que sofre as consequências dos seus atos.

Passando por dificuldades – devido sua família estar doente e sem dinheiro para arcar com as despesas do tratamento de saúde – Lúcia, ainda com nome de Maria da Glória, é obrigada, pela força das necessidades, a trabalhar como prostituta, o que fez com que sua vida mudasse completamente, passando a ser julgada pela sociedade e por seu próprio pai, que chega a expulsá-la de casa.

A partir do contexto em que a obra foi escrita, é fácil chegarmos à conclusão de que a referida personagem é alvo de fortes e inúmeras críticas por parte da sociedade da época. E isso já é perceptível se considerarmos o momento em que foi escrita, quando observamos o julgamento da personagem através das palavras do próprio Alencar, porém de forma consciente quanto aos resultados:

Lucíola é o lampiro noturno que brilha de uma luz tão viva no seio da treva e à beira dos charcos. Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d’alma? Deixe que raivem os moralistas. A sua história não tem pretensões a vestal.

É musa cristã: vai trilhando o pó com os olhos no céu. Podem as urzes do caminho dilacera-lhe a roupagem: veste-a a virtude. Demais, se o livro cair nas mãos de alguma das poucas mulheres que lêem neste país, ela verá estátuas e quadros de mitologia, a que não falta nem o véu da graça, nem a folha de figueira, símbolos do pudor no Olimpo e no paraíso terrestre.” (ALENCAR, 2007, p. 7)

No tocante as características da personagem, um dos aspectos que mais chama a atenção são as expressões de natureza antirromântica que o autor utiliza para descrever Lucíola e o que se relaciona a ela, no início do trecho acima, por exemplo: “vampiro noturno”, “seio da treva” e “abismo da perdição”. Se bem observarmos, todas são expressões que remetem à imagem da personagem como um ser carregado de pecados, que foge do que a sociedade e a Igreja apregoavam. Mas, logo em seguida, no mesmo discurso, caracteriza-a como tendo e conservando a “pureza d’alma”, pois embora conheça e saiba lidar com a luxúria, havia nela um lado cristão e puro, que representa o bem.

Sua imagem perante a sociedade era de uma pessoa totalmente desviada dos costumes considerados corretos naquela época, e por isso chega a ser comparada até com o diabo, como afirma Rochinha, um outro personagem: “- Como se trata de nomes, eu também proponho uma mudança, bocejou o Rochinha. Em lugar de Lúcia – diga-se Lúcifer.” (ALENCAR, 2007, p.44).

É visível a intenção que está subjacente nessa comparação: ressaltar em Lúcia traços de sua personalidade que se relacionam com atitudes de Lúcifer, tais como: seduzir um homem, tirar-lhe a tão idolatrada graça divina, deixando-o submisso à sua dominação, por meio de perversão e tentação.

Sabes que terrível coisa é uma cortesã, quando lhe vem o capricho de apaixonar-se por um homem! Agarra-se a ele como os vermes, que roem o corpo dos pássaros, e não os deixam nem mesmo depois de mortos. Como não tem amor, e não pode ter, como a sua inclinação é apenas uma paixão de cabeça e uma excitação dos sentidos, orgulho de anjo decaído mesclado de sensualidade brutal, não se importa de humilhar seu amante. (ALENCAR, 2007, p. 62)

Embora com todos esses traços de personalidade que remetem a uma pessoa totalmente sem escrúpulos, Lúcia consegue despertar o amor em um

homem (Paulo) e também senti-lo de forma demasiada. Ela já conhecia o significado da palavra amor, quando se sacrificou para salvar sua família, mas o que sentia por Paulo era um amor diferente, entre homem e mulher, embora no início houvesse certa resistência por parte da protagonista:

Quando porém os meus lábios se colaram na tez de cetim e meu peito estreitou as formas encantadoras que debuxavam a seda, pareceu-me que o sangue lhe refluía ao coração. As palpitações eram bruscas e precípites. Estava lívida e mais branca do que o alvo colarinho do seu roupão. Duas lágrimas em fio, duas lágrimas longas e sentidas, como dizem que chora a corça expirando, pareciam cristalizadas sobre a face, de tão lentas que rolavam. É o coração, quando fortemente confrangido por violenta emoção, que espreme esse soro do sangue que gela e coalha. (ALENCAR, 2007, p. 27)

Trata-se de um momento em que ela se sentia culpada por nutrir um sentimento maior por Paulo. Embora desinibida, ativa e dona de si, Lúcia ainda tinha medos, afinal, quando se é tocado pela paixão, o coração torna-se vulnerável.

Eu?...Que idéia! Para que amar? O que há de real e de melhor na vida é o prazer, e esse dispensa o coração. [...] O amor para uma mulher como eu seria a mais terrível punição que Deus poderia infligir-lhe! (ALENCAR, 2007, p. 93)

Mas é a partir desse momento que ambos passam a viver uma romântica história de amor. Juntos, vivenciam momentos de alegria e prazer, mas também de muitas dificuldades em virtude do destino que Lúcia havia escolhido.

Em muitos momentos da narrativa, Paulo tenta desistir desse amor que lhe parece não ter futuro, porque esse sentimento lhe trazia fortes consequências, humilhações diante da sociedade; mas principalmente pelas mudanças de personalidade que Lúcia apresentava constantemente: “Lúcia sentava-se trêmula, afastei-me revoltado contra mim, e ao mesmo tempo indignado contra essa mulher que zombava da minha credulidade [...]” (p. 27); “Era outra mulher.” (p.29); “O rosto cândido e diáfano, que tanto me impressionou à doce claridade da lua, se transformara completamente[...]” (p. 29).

Mas Lúcia não o fazia propositadamente, ela sentia-se culpada por provocar constrangimento no seu amado e queria poupar-lhe de situações constrangedoras que certamente lhe seriam apresentadas, e sabia que traria mudanças radicais para a vida de seu amado, como afirma Proença Filho (1995, p. 47): “A mulher, entre os românticos, aparece convertida em anjo, em figura poderosa, inatingível, capaz de mudar a vida do próprio homem”; e esse era o seu receio.

Dessa forma, a exaltação do amor funciona como força purificadora, capaz de transformar uma prostituta em uma amante verdadeira, fiel e sincera. Como podemos perceber nos seguintes trechos do romance:

“[...] o amor purifica e dá sempre um novo encanto ao prazer. Há mulheres que amam toda a vida; e o seu coração, em vez de gastar-se e envelhecer, remoça como natureza quando volta a primavera.” (p. 92)

Tive força para sacrificar-lhes outrora o meu corpo virgem; hoje depois de cinco anos de infâmia, sinto que não teria a coragem de profanar a castidade de minha alma. Não sei o que sou, sei que começo a viver, que ressuscitei agora, ainda duvidará de mim?” (p. 124)

"Eu te amei desde o momento em que te vi! Eu te amei por séculos nestes poucos dias que passamos juntos na terra. Agora que a minha vida se conta por instantes, amo-te em cada momento por uma existência inteira. Amo-te ao mesmo tempo com todas as afeições que se pode ter neste mundo. Vou te amar enfim por toda a eternidade. (P. 140)" (ALENCAR, 2007)

A partir do momento em que Lúcia se entrega ao amor de Paulo, ela passa a assumir a Maria da Glória, sua verdadeira identidade. E reencontra assim, através dele, a dignidade e inocência perdidas pelo novo estilo de vida que teve que adotar.

No que se refere a parte final da narrativa, vemos que o desfecho da personagem é totalmente oposto ao que se encontra nos romances tradicionais românticos, o triunfo do seu amor não segue a trajetória do final feliz.

Após um intenso processo de transformações, a personagem renasce e faz reaparecer de vez a adolescente pura que foi um dia. Lúcia está à beira da morte e, mesmo pelo fato de a prostituição ter acabado com seu corpo, sua alma ainda é pura – perceptível através de seu amor por Paulo e por sua irmã mais nova, a quem sempre ajudou – e essa purificação ocorre por meio do amor espiritual, que não pode ser profanado pelo desejo físico, e esse sentimento funciona como força

regeneradora. A morte da personagem Lúcia impõe no romance do século XIX, o que se denomina de “redenção”, o qual confere às atitudes uma postura exemplar de pureza, atitudes essas marcadas pelas renúncias e sacrifícios, o que está acima de outros fatores da sociedade, notadamente das convenções sociais.

Outro aspecto importante é que Lúcia, antes de morrer, engravidou, mas acabou perdendo a criança antes de nascer. Como se trata de uma narrativa escrita no contexto do Século XIX, ou seja, romântica, burguesa e moralista, esse fato pode ser analisado como forma de castigo, pois na concepção daquela sociedade, uma vez cortesã, sempre cortesã; e Lúcia não podia amar, muito menos ser mãe, caso contrário, seria gravemente punida. E “[...] essa divisão entre alma e realidade é resultante da alma ser mais ampla do que todos os destinos que a vida lhe pode oferecer”. (LUCKÁS, 2000, p. 119). Talvez por isso, Alencar preferiu fazer da morte a redenção da personagem, conferindo-lhe uma postura exemplar de pureza.

Vimos então que Lúcia atinge sua purificação através da morte, mas o que não caracteriza uma tragédia, pois a separação entre ela e Paulo durante a vida acarreta no encontro futuro dos dois, com Lúcia livre de qualquer pecado, encontro esse que Lúcia nunca conseguiria concretizar em vida.

Mas, diante de tudo, nada justifica o que Lúcia sofreu. Ela poderia ter o direito de viver um amor verdadeiro, livre dos preconceitos da sociedade. Quando, na verdade, o que aconteceu é que ela foi castrada de seus direitos, impedida de realizar sonhos e punida por um destino ao qual foi obrigada a escolher pelo bem das pessoas que ela amava, ou seja, a irmã mais nova e Paulo; embora não tenha obtido nenhum reconhecimento por parte da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discorrer sobre vários aspectos que nortearam o século XIX, com todas as evoluções que marcaram o período, e a figura feminina situada dentro de tal contexto, observamos Lúcia, prostituta, característica completamente descartada do que era aceitável na sociedade vigente nessa época.

Mesmo com a concretização do maior pecado que poderia existir no que diz respeito à mulher, a prostituição, dona de uma vida cercada de luxúrias e de muitas regalias provenientes do maior pecado carnal, Lúcia acaba se tornando ícone na Literatura Brasileira.

Sua morte vem mostrar que o amor e um coração puro podem redimir qualquer que seja o pecado, mesmo que para a sociedade este seja imperdoável, em qualquer circunstância, mesmo de remissão. Ela morre para modificar seu corpo – elemento que te trouxe tantos luxos enquanto em vida, mas também uma consciência de culpa no momento em que apaixona-se – e purificar a alma.

Digno de pertencer a um dos momentos mais marcantes de nossa Literatura – o Romantismo –, a obra *Lucíola* é a representação de que a pureza sentimental, mesmo cercada de lembranças pecadoras, pode salvar um ser e que o amor idealizado, como era o de Lúcia, é o motivo maior pelo qual os personagens dos romances encontram forças para lutar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Martin Claret, 2007

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006

CÂNDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. 6. ed., Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1981, V. 2.

CORREIA, Sarah. **Os diferentes papéis da mulher brasileira no século XIX**. In: <<http://sarahhistorians.blogspot.com.br/2011/08/os-diferentes-papeis-da-mulher.html>>

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997

GANCHÓ, Cândida Vilares. A narrativa literária. In: **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006

LUKÁCS, George. **A teoria do Romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades. 34. ed. 2000

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**: através de textos comentados. São Paulo: Ática, 1995

RIBEIRO, Luis Filipe. **Mulheres de Papel**: um estudo do imaginário de José de Alencar e Machado de Assis. Niterói, EDUFF, 1996

SAMYN, Henrique Marques. **Mulheres honradas, mulheres infames**. In: <<http://www.carcasse.com/revista/anfiguri/bellocq/index.php>>

SEVSENKO, Nicolau. O prelúdio republican, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando A. (org.) **História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006